

## PAUL RICOEUR E A HERMENÊUTICA

Antônio Carlos Viana  
Universidade Federal de Sergipe

O método hermenêutico de Paul Ricoeur é desvinculado de qualquer idealismo, colocando-se na esteira do pensamento inaugurado por Freud, Marx e Nietzsche. O seu objetivo será a descoberta do sentido a fim de esclarecer a existência humana. Para se chegar a uma interpretação autêntica do homem, é preciso vencer o erro e a mentira a que estamos propensos, se guiados pela consciência como forma de conhecimento. A linguagem terá de ser pensada não através do que diz, mas do que esconde. O sentido, que nunca se dá ao homem de forma parcelada, deve ser procurado por sob as palavras a fim de que o real possa ser percebido em sua totalidade. A medida que se dá, oculta-se. Não pode ser reduzido ao que é visto, mas ao que pode ser visto, organizando-se como linguagem. Paul Ricoeur recorre aos conceitos freudianos para elucidar a descoberta do sentido desta linguagem, procurando, sob o manifesto, o latente. É pelo símbolo que nos situamos no Ser, o qual nos coloca sempre diante de uma linguagem original. O homem atinge o Ser pelas seqüências simbólicas, pelo desvelamento dos símbolos. O que é capital para o conhecimento é a mediatez da linguagem simbólica. Para chegar a uma compreensão do mundo, o homem deve rejeitar a primariedade de sua linguagem, vencendo a imediatez da consciência.

Paul Ricoeur parte do "cogito", mas sem pretender elaborar uma filosofia da consciência. Seu trabalho é de desmistificá-la como forma de conhecimento. A sua hermenêutica terá a tarefa de decifrar os comportamentos simbólicos do homem, recorrendo aos conceitos freudianos de consciente/inconsciente, mostrando a verdade que se oculta no aparente.

Poderíamos pensar num conflito entre as duas interpreta-

ções de que ele se vale: a psicanálise e a fenomenologia. A fenomenologia serve-lhe como ponto de partida por ter acesso através dela a um "cogito" bastante depurado. A psicanálise a completará pelas muitas possibilidades de abertura existentes no símbolo para se chegar, enfim, ao pensamento original. Assim, a psicanálise oferece soluções de interpretação para as dificuldades que o método fenomenológico apresenta. A reflexão recairá sobre a tentativa de dizer o não dito, embora suscetível de dizer. A hermenêutica terá a tarefa de interpretar e explicar um sentido produzido na e pela linguagem. O projeto hermenêutico não lança mão apenas dos dois métodos acima citados, mas de qualquer outro que possa esclarecer o que está subjacente ao dito. O que pretendemos nas páginas seguintes será o desenvolvimento dessas idéias em relação ao texto literário, procurando, ao final, ver até onde elas são válidas nesse campo.

## I. A TAREFA DA HERMENÊUTICA

### 1. Compreender e interpretar

Antes de se chegar ao esclarecimento do pensamento de Paul Ricoeur, cumpre observar que a sua trajetória hermenêutica vem de Dilthey, passa por Heidegger, até chegar à sua elaboração pessoal. Desde Dilthey ela é uma modalidade da teoria do conhecimento. Com Heidegger, é posta em questão como epistemologia. Para Ricoeur, será o solo ontológico sobre o qual as ciências do espírito podem edificar-se. Em Heidegger, o compreender tem a função de nos orientar numa situação. Não se dirige à apreensão de um fato, mas à de uma possibilidade de ser. Compreender um texto é "revelar a possibilidade de ser indicada pelo texto" (Ricoeur, 1977:33). Há na compreensão "um projetar num ser-lançado prévio" (Ricoeur, 1977:33). A interpretação explicita alguma coisa que vai se tornar ela mesma. Não a transforma em outra coisa. Será a interpretação um desenvolvimento da compreensão.

Paul Ricoeur (1977:17) a define como a "teoria das opções da compreensão em sua relação com a interpretação dos textos". Todo discurso se efetua como texto, por isso é passível de uma interpretação. A hermenêutica propõe-se, assim, a resolver as intrincadas questões relativas à linguagem e seu sentido.

Interpretar será, sobretudo, discernir, reconhecer na mensagem que um emissor construiu sobre a base polissêmica do léxico comum uma univocidade. A interpretação coloca-se ao

lado da recepção dessas mensagens, visando a essa descoberta de intenções que aparecem espalhadas ao nível do discurso, mas coesas na produção do sentido. As relações entre o objeto e o sujeito tornam-se aí evidentes. Entre elas há uma relação de reciprocidade, o que constitui o círculo hermenêutico. No conhecimento do objeto o sujeito termina por se conhecer e dar a se conhecer. É preciso sair desse círculo vicioso, mas não há como. A solução será penetrar corretamente nele. E Ricoeur o fará através do conceito de distanciamento, como condição do conhecimento.

### 2. O distanciamento

A objetivação que se pretende nas ciências humanas só é possível por uma atitude de distanciamento do sujeito perante o objeto. Ao mesmo tempo em que é importante para essa objetivação, é negativo em se tratando da nossa relação com a realidade que pretendemos erigir como objeto. Para escapar à alternativa entre distanciamento alienante e participação por pertença, surge, então, a noção de texto. Somente através dele é possível o distanciamento. O texto é "muito mais que um caso particular de comunicação inter-humana: é o paradigma do distanciamento na comunicação" (Ricoeur, 1977:44). Para tanto, Paul Ricoeur elabora os critérios da textualidade que devem ser levados em conta na interpretação de textos. Segundo ele, é preciso que:

- 1º) a linguagem seja efetuada como discurso;
- 2º) o discurso seja compreendido como estrutura;
- 3º) a fala seja relacionada com a escrita;
- 4º) a obra seja vista como projeção de um mundo;
- 5º) o discurso e a obra de discurso se tomem como mediação da compreensão de si.

A questão hermenêutica se centrará na tríade discurso-obra-escrita. Dessa interpretação dá-se a abertura de um mundo no texto.

2.1. A linguagem como discurso — mesmo no discurso oral, o distanciamento já existe. A esse traço primitivo o autor chama "a dialética do evento e da significação" (1977:45). "O discurso se dá como evento: algo acontece quando alguém fala" (1977:45). Dizer que o discurso é um evento significa que é realizado no presente, situado no tempo. As relações entre texto e língua separam-se nesse ponto, pois o sistema lingüístico é atemporal. Embora se valha da língua, o texto a tem apenas como ponto de partida para a sua construção. Desde

o momento em que se leva em consideração um sujeito que nos transmite um mundo através do seu discurso, a lingüística da língua cede seu lugar à lingüística da fala. Trata-se de um discurso com um referente definitivo que faz vir à linguagem um mundo. Constroem-se a partir daí dois pólos: o evento e a significação. Da tensão entre eles nasce o discurso como obra. Enquanto o evento é fugidivo, a significação é permanente. Diz Ricoeur (1977:47) que a articulação desses dois elementos "é o núcleo de todo o problema hermenêutico". O primeiro distanciamento será o do que subjaz ao dito. Como dito ele compreende não só o ato elocucionário (o que fazemos ao dizer), mas também o perlocucionário (o que fazemos, porque falamos). A significação do ato do discurso não se restringe, portanto, ao enunciado, mas também à enunciação.

2.2. O discurso como obra — sendo a obra uma seqüência mais longa que a frase, seu modo de compreensão será bem diferente desta. A obra se constitui como uma totalidade finita e fechada. Caracteriza-se pelo tipo de composição, de estilo e de gênero. Resulta de todo um trabalho organizador da linguagem. Para compreendê-la, não basta entender as frases isoladamente. Vista como um todo, ela remete a um sentido relacionado a um evento filtrado pelo estilo do autor. Ao colocar essa noção do texto como produção de um sujeito, Ricoeur define a obra como "uma mediação prática entre a irracionalidade do evento e a racionalidade do sentido" (1977: 50). O evento como algo anterior à obra que agora aparece desestruturada em busca de um sentido que deve ser procurado dentro dela. O sujeito que o enuncia é produzido ao mesmo tempo em que faz sua interpretação.

Ao se objetivar o discurso na obra, está implícita a idéia de que naquele conjunto de frases há alguém dizendo algo a respeito de alguma coisa. O papel da hermenêutica será discernir o discurso na obra e, conseqüentemente, a interpretação será fruto desse distanciamento operado pela objetivação do homem em suas obras de discurso.

2.3. Fala e escrita — as relações entre fala e escrita são fundamentais para a noção de distanciamento. Falar de alguma coisa e escrever sobre alguma coisa modificam a situação do objeto. A referência na fala é imediata, enquanto na escrita fica alterada porque a coisa de que se fala não é mais presente aos interlocutores. A escrita faz do texto algo independente às intenções do autor. O que o texto diz já não é mais do que o autor quis dizer. Constitui-se como objeto autônomo. Nessa autonomia a "coisa" do texto é subtraída às intenções

do seu orador. O mundo deste cedeu seu lugar ao "mundo" do texto.

O que se falou das condições psicológicas do texto, o mesmo pode-se dizer das condições sociológicas que o produziram. A obra é tanto mais obra quanto ultrapasse os condicionamentos psicossociais que a geraram. Ao descontextualizar-se, ela sempre significa mais. A sua recontextualização só se dará após o ato de leitura. O distanciamento é parte constitutiva do texto enquanto escrita e condição para a sua interpretação.

2.4. O mundo do texto — pela escrita não há mais uma situação comum entre escritor e leitor. O caráter referencial do texto é abolido em relação a um determinado evento. Agora é preciso reconstruir o referente. A linguagem passa a ser então glorificada em si mesma. A abolição da referência do primeiro nível (o da realidade) é que torna possível a referência do segundo nível (o do imaginário). A obra de ficção cria uma dimensão referencial original. O mundo referencial não é o dos objetos concretos, mas o da manifestação do Ser. Nessa dimensão ontológica é que se insere a problemática central da hermenêutica. Não estando interessada nem nas intenções psicológicas e sociológicas do autor, nem na montagem/desmontagem estruturais, precipuamente a hermenêutica se dirige à explicitação do tipo de ser-no-mundo que é manifestado diante do texto. Ricoeur diz:

o que deve ser interpretado, num texto, é uma proposição de mundo, de um mundo tal como posso habitá-lo para nele projetar um de meus possíveis mais próprios (1977:56).

O mundo do texto é único por não ser o da linguagem cotidiana. É constituído no distanciamento entre o real e si mesmo. É o mundo da ficção que abre possibilidades de ser-no-mundo na realidade comum. A literatura, ao criar seu espaço próprio, modifica o real a fim de operar mais contundentemente sobre ele.

2.5. A compreensão de si diante da obra — como se pode fugir à subjetividade numa interpretação? O leitor apropria-se da obra como escrita, o que lhe dá uma compreensão na e pela distância com o autor. A obra objetiva-se e aparece-lhe aos olhos como estrutura. Ela responde a um sentido e não a um autor. O leitor tem na obra um *medium* no qual pode se compreender. O conhecimento de si mesmo não se dá de forma imediata na linha do *cogito*. Faz-se pela captação de sinais que compõem as obras da cultura. O leitor se apossa de uma

proposição de mundo que não se acha atrás do texto, mas diante do texto. Isto quer dizer que não são as intenções ocultas que ele deve procurar, mas o que o texto desvenda a partir de si. Não se deve reduzir o texto à sua capacidade de compreensão, mas deixar-se arrastar por ele. A chave da compreensão está no texto e não no leitor. O si do sujeito é, pois, constituído pela coisa do texto. "Compreender é compreender-se diante do texto" (Ricoeur, 1977:58: o grifo é do Autor). Para que essa interpretação do texto por parte do sujeito não seja preconceituosa, é preciso ter a compreensão, ao mesmo tempo, como apropriação. O sujeito deve se criticar no que se refere às suas formas de apreensão do objeto a fim de evitar as ciladas de seus condicionamentos ideológicos. A crítica das ideologias é fundamental para que a compreensão de si diante do texto não se faça de maneira deformada e deformadora, uma vez que se tem sempre como pano de fundo um horizonte de pertença.

## 2. CIÊNCIA E IDEOLOGIA

2.1. O papel da ideologia — o fenômeno ideológico aparece sempre como resultado de uma ação social. Os comportamentos se orientam em função dos outros membros da comunidade e criam, assim, uma previsibilidade no sistema de significações. O fenômeno ideológico está ligado à necessidade que o grupo social tem de conferir a si mesmo uma imagem. Aqui, a ideologia assume o papel de justificadora de um modo de ser da sociedade. Também será uma justificação e projeto desses grupos sociais por gerar um consenso de que todos têm razão em ser o que são. Esse dinamismo da ideologia que é o de motivar a sociedade para aquilo que ela pensa ser, torna-a simplificadora e esquemática. Exerce uma função de grelha, funcionando como um sistema de crença. O seu nível epistemológico é o da *doxa*.

Um outro traço característico da ideologia é a forma codificadora como aparece. É mais o lugar onde "os homens habitam e pensam do que uma concepção em que possam se expressar" (Ricoeur, 1977:70). Possui esse caráter não-reflexivo gerado pela inércia. O novo não encontra lugar no seu horizonte. Só pode ser percebido a partir de uma redução ao antigo. O grupo social fecha-se e passa a apresentar traços de intolerância a tudo o que é marginal. Segundo Ricoeur, "a intolerância começa quando a novidade ameaça gravemente a possibilidade, para o grupo, de reconhecer-se, de reencontrar-se" (1977:70).

Devido a essas características, a ideologia tem a função de dissimuladora. Ao mesmo tempo em que fala do real, dissimula o possível. Neste sentido toda interpretação corre o perigo de se dar num campo limitado.

A ideologia interpreta e justifica sempre o que se relaciona com os donos do poder e todo um sistema de autoridade. Ela é justificação de uma dominação. O conceito de ideologia como dominação decorre do seu papel dissimulador, na medida em que o grupo social se constitui baseado num conceito de autoridade que tem nas mãos uma interpretação do real.

Uma outra função que se alia a essas duas categorias, é a de deformação a que Paul Ricoeur chama de conceito marxista propriamente dito. Integrado aos dois precedentes, o que ele traz de novo é a idéia de uma deformação por inversão. A ideologia faz-nos tomar como real a imagem desse real e o seu reflexo como original. Embora, inicialmente, Marx tenha aplicado essa tese à religião, agora ela é estendida às ciências que podem, por sua vez, funcionar como ideologias.

2.2. Ciências sociais e ideologia — o pensamento desenvolvido por Ricoeur pretende chegar a um lugar não-ideológico onde se possa pensar a ciência. Para isso, parte do pensamento de Maurice Laguerre, que diz científicos

"os resultados intelectuais que, ao mesmo tempo, permitem uma explicação satisfatória de fenômenos até então ininteligíveis (...) e resistem, com êxito, às tentativas de falsificação que, a seu respeito, empreendemos sistemática e rigorosamente" (Laguerre, apud Ricoeur, 1977:78).

Esse conceito, porém, também tem as suas armadilhas. Alegar o real não significa cientificidade, mesmo quando falando do inconsciente. Ao transferir para a realidade inconsciente a explicação do real, estamos reduzindo a nossa subjetividade. Esse discurso sem sujeito tem que ser examinado. Entram, aqui, as objeções aos estudos estruturalistas, pois, ao se elidir o sujeito, fica enfraquecida "a vigilância na ordem da verificação e da falsificação. A racionalização se constitui nele 'o anteparo do real'" (Ricoeur, 1977:79).

Ricoeur deixa de aceitar não só o estruturalismo como a palavra final na elucidação do real, mas também o marxismo e a psicanálise. O marxismo, como ciência, termina transformando-se em ideologia; logo, não há nele um lugar não-ideológico. Vendo tudo a partir da luta de classes, encobre as novas estratificações sociais de nossa época. O que Marx via

de negativo na religião porque esta justificativa o poder de classe dominante, o marxismo o faz da mesma maneira. Justificando o proletariado como classe dominante, cai de novo numa ideologia.

Em relação ao realismo freudiano, Ricoeur pretende eliminar aquilo que não seria mais um realismo empírico, isto é, um realismo ingênuo onde se jogaria ao inconsciente o sentido elaborado na relação terapêutica. Por isso, ele fala da relatividade da noção de inconsciente. O problema não é conferir uma consciência de si ao inconsciente. Este é relativizado e não absolutizado, como queria Freud.

Somente um desvinculamento de qualquer absolutização é que torna possível uma reflexão total sobre o saber sem cair na setorização ideológica. Mas tal tarefa torna-se difícil porque, a cada momento, há um ponto de vista da totalidade que deve ser descrito num discurso apropriado. Será necessário lançar mão de um outro tipo de discurso para dizer aquele anterior, o que, entretanto, ocasiona a perda de uma totalidade.

2.3. A dialética da ciência e da ideologia — devido às dificuldades que acompanham o projeto da reflexão total no campo da ciência, Paul Ricoeur procura um outro tipo de discurso que é o da hermenêutica da compreensão histórica. Formula, então, cinco proposições a fim de conferir um sentido aceitável ao par ciência/ideologia:

1º) a relação de pertença que nos faz ligados a uma classe, a uma época, a uma cultura e de que não nos podemos livrar. Quando assumimos essa pertença estamos assumindo o primeiro papel ideológico;

2º) apesar da relação de pertença, não está excluída a possibilidade de uma relativa autonomia do saber objetivante. A instância crítica tem que existir desde o momento em que se ascende à estrutura da pré-compreensão. O distanciamento é a condição primeira da compreensão. Como diz o autor,

"a mediação dos textos é de um valor exemplar sem igual. Compreender um dizer significa, antes de tudo, opor-se a ele como um dito, acolhê-lo em seu texto, desligado de seu autor" (Ricoeur, 1977:93).

A coisa do texto só se torna próxima na e pela distância. A crítica das ideologias é o passo indispensável para se chegar ao distanciamento na compreensão porque só assim as ilusões do sujeito são criticadas e isto se dá, não fora, mas dentro de uma hermenêutica;

3º) A crítica das ideologias não é um saber total, uma vez que o próprio distanciamento é ainda um momento da pertença que jamais deixa de acompanhar o sujeito interpretante;

4º) o bom uso da crítica das ideologias é que deve ser observado. A crítica das ideologias deve ser sempre iniciada e, por princípio, jamais concluída. A reciclagem do intérprete é uma necessidade, um trabalho incessante, recorrente, entre o distanciamento e a assunção de sua condição histórica.

2.4. **Hermenêutica e crítica** — o gesto da hermenêutica é o de reconhecer as condições históricas a que está submetida a nossa compreensão sempre finita. O gesto da crítica das ideologias "é de desafio dirigido contra as distorções da comunicação humana" (Ricoeur, 1977:131). Pelo gesto da crítica inserimo-nos no devir histórico consciente. Pelo desafio, opomo-nos à falsidade da comunicação. Já que nenhum saber é total, pois cada um de nós fala diferente, só uma crítica dos discursos torna possível uma hermenêutica sem pré-conceitos.

### 3. CONCLUSÃO

O pensamento de Paul Ricoeur, que parte de uma crítica à consciência como forma única de conhecimento na tradição cartesiana, chega aos postulados marxistas, freudianos e nietzschianos que rechaçam toda uma tradição do pensamento ocidental. Em seu lugar, erige uma hermenêutica sem comprometer ideológicos, o que só será possível a partir de sua concepção do discurso como texto. O distanciamento operado pelo texto, quando se dá como escrita, é a condição *sine qua non* das interpretações. Nesse distanciamento dá-se a ruptura do texto não só com o tempo e o espaço, mas também com a sua gênese, ficando liberto da noção por muito tempo arraigada na tradição da crítica literária entre criador e criação.

Todo discurso vincula-se à noção de símbolo, o que implica um evento e uma significação. O símbolo é a própria linguagem e dentro desta é criada uma visão cada vez mais interiorizante, uma nascente de significações não vistas superficialmente. Daí a recorrência aos conceitos freudianos de consciente/inconsciente, latente/manifesto na produção plural de um sentido, sem, no entanto, perder a unidade que o organiza. Este é o seu ponto de chegada que só terá validade se, do sentido produzido, emergir uma visão do homem na sua condição de ser-no-mundo.

Toda interpretação supõe, portanto, um distanciamento que se opõe a um horizonte de pertença do sujeito interpretante. Os perigos da ideologia a que estamos vinculados, ameaçam a todo instante essa interpretação. Somente ao se tomar o texto como escrita, tal distanciamento torna-se possível, passando a ser o lugar não-ideológico por excelência. Todo texto se organizará como universo simbólico. A hermenêutica, ciência da interpretação, será tanto mais ciência quanto mais se livrar dos condicionamentos temporais e ideológicos. Essa noção de texto não deixa de ter a sua viabilidade ameaçada diante de um sujeito interpretante que, a cada momento da interpretação, perca esse sentido de distanciamento. Como saber se este momento está sendo ou não alcançado é o grande problema que se coloca diante de um trabalho em andamento, pois a existência de um lugar não-ideológico pode não passar de uma utopia nesse campo de tão difícil acesso.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. RICOUER, Paul. *Interpretação e Ideologias*. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
2. ———. *O conflito das interpretações*. Rio de Janeiro, Imago, 1978.